

BULLYING E CYBERBULLYING EM IDADE ESCOLAR

Sónia Raquel Seixas

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém

Luís Fernandes

Associação Sementes de Vida

Tito de Moraes

Projeto MiudosSegurosNa.Net

Resumo: Já muito se sabe sobre o fenómeno *bullying*, sua caracterização, diferentes manifestações e tipos de comportamentos, implicações biopsicossociais, papéis desempenhados, entre outros aspetos. Mais recentemente, com a evolução tecnológica e a proliferação de dispositivos digitais, tem-se assistido progressivamente a novas e preocupantes manifestações de comportamentos de *bullying*, um fenómeno comumente conhecido como *cyberbullying*. A presente comunicação procura caracterizar, diferenciar e comparar ambos os fenómenos, enquadrando o *cyberbullying* nas novas e diferentes formas de comunicação tão típicas desta nova geração de nativos digitais. Esta diferenciação parte das características da comunicação mediada pelo écran, tão diferente das formas de comunicação presenciais e cujas implicações se associam frequentemente a riscos sociais. Serão ainda discutidas repercussões do envolvimento em comportamentos de *bullying* e de *cyberbullying*.

Palavras-chave: Bullying, Cyberbullying, Escola, Saúde.

Abstract: Much has been known about bullying, its characteristics, different types of behavior, biopsychosocial implications, the roles played by students, among others. More recently, with the technological evolution and proliferation of digital devices, we become more aware of a new and disturbing manifestation of bullying behaviors, commonly known as cyberbullying. With this presentation, we aim to characterize, differentiate and compare both phenomena, framing cyberbullying in a new and different way of communication, so typical of this new generation of digital natives. This differentiation is based on the characteristics of communication mediated by screens, so different from other forms of communication face to face, whose implications are often associated with social risks. We will also discuss the repercussions of involvement in bullying and cyberbullying behaviors.

Keywords: Bullying, Cyberbullying, School, Health.

A comunicação mediada pelos ecrãs

A utilização das tecnologias digitais no dia a dia das nossas crianças e jovens, tem sido uma realidade recorrente nos dias de hoje. Paralelamente, assistimos ao desenvolvimento de novas formas de comunicação, passando de um registo presencial, *offline*, para um registo a distância, *online*. Em muitos aspetos, essa forma de comunicação mediada pelos vários ecrãs com que as nossas crianças e jovens se confrontam (de telemóvel, de computador, de *tablet*...), diferencia-se da comunicação verbal e não verbal que mobilizamos em contextos presenciais, face a face.

A mera presença de um ecrã como mediador da comunicação com terceiros, altera esse contexto comunicacional, tornando-o num contexto de

maior desinibição, propiciando-se uma comunicação mais descontraída e menos retraída, do que se a mesma ocorresse em contexto real, presencial.

Associado a esta desinibição, surge também o anonimato que a Internet possibilita aos seus utilizadores. Sob a “capa” deste aparente anonimato, os atores das ações creem escapar às suas responsabilidades, dada a dificuldade em serem identificados. Por outro lado, sobressai a ilusão de invisibilidade, dado que neste tipo de comunicação, o sujeito não vê o seu interlocutor (a menos que utilize uma *webcam*). A agravar todo este cenário de desinibição, temos ainda a assincronia, uma vez que muitos dos casos os sujeitos não interagem em tempo real, podendo agredir alguém e “desaparecer”, sem saber se a sua ação teve alguma réplica ou consequência.

À parte de todas estas características, existe ainda uma espécie de minimização da autoridade: no mundo *online* os sujeitos (principalmente crianças e jovens) podem facilmente assumir que a autoridade não existe, que se pode fazer e dizer tudo o que se deseja sem receio de represálias ou castigos.

Para além dos aspetos referidos acima, sobressaem outras características inerentes às próprias propriedades técnicas da comunicação mediada pelos ecrãs, e que se destacam e diferenciam da comunicação em contextos presenciais.

- Uma das propriedades técnicas refere-se à **persistência** dos conteúdos digitais (sejam estes, textos, imagens, *áudio ou vídeos*). Como sabemos, uma vez na Internet, para sempre na Internet. Tudo aquilo que publicamos *online*, fica automaticamente gravado e arquivado, independentemente do nosso desejo. Em resultado, podem ser recuperados, sendo possível encontrar quase todo o conteúdo que se tenha publicado em ambiente digital;
- Uma outra propriedade recai sobre a **replicabilidade** dos conteúdos digitais. Aquilo que dizemos e que os outros dizem *online*, os comentários que se fazem num *blog ou as fotos que se colocam numa rede social, a partir do momento que se colocam online*, deixam literalmente de estar sobre o nosso controlo. Esses conteúdos podem ser usados, replicados, partilhados por qualquer pessoa (basta fazer *copy/paste*). São inúmeros os casos de *cyberbullying* em que tal acontece;
- Interligada às duas propriedades anteriores, destaca-se a **escalabilidade** dos conteúdos digitais, por outras palavras, o seu enorme potencial de visibilidade. Como sabemos, existem casos em que o conteúdo publicado (na grande maioria dos casos tratam-se de vídeos) atinge proporções exponenciais, tornando-se virais em questão de segundos;
- Uma quarta propriedade refere-se à **pesquisabilidade** desses conteúdos. A partir do momento em que um conteúdo digital é publicado e fica registado *online*, e dada a persistência já acima referida, qualquer pessoa (bem ou mal intencionada) poderá encontrá-lo e utilizá-lo da forma que melhor entenda.
- As **audiências invisíveis são uma outra característica subjacente aos ambientes digitais**. Apesar de podermos publicar conteúdos de forma seletiva e até escolher com quem partilhamos, como não controlamos a sua replicação e disseminação, não conseguimos saber quem nos poderá

ver ou ouvir.

- Todas estas características anteriores contribuem para compreender uma outra: a **descontextualização**. Sabendo que tudo o que publicamos na Internet pode ser copiado e publicado ou partilhado novamente, isso sucede por vezes noutros locais, noutros *sites*, de modo completamente descontextualizado, desvirtuando a intenção inicial.
- Por último assistimos frequentemente na comunicação mediada pelo ecrã à inexistência de *feedback tangível*, à redução ou ausência de sinais físicos, sociais e visuais da comunicação que ajudem a contextualizar e a interpretar a mensagem/conteúdo. Diante do ecrã, é mais difícil conhecermos os estados de humor do nosso interlocutor, a atenção é focalizada exclusivamente na mensagem/conteúdo em vez de contextualizada por outros estímulos não verbais. Em consequência, podem ocorrer equívocos que, por sua vez, podem originar situações de *cyberbullying*.

Um melhor conhecimento sobre estas características ajudam a melhor esclarecer e compreender não só a diferenciação entre *bullying* e *cyberbullying*, como as diferentes implicações e repercussões da sua vivência.

Bullying e cyberbullying

A literatura, no âmbito do *cyberbullying*, tem-se caracterizado pela dificuldade em apresentar uma definição consensual e partilhada pelos diversos investigadores. Ainda assim, podemos considerar o *cyberbullying* como um comportamento de *bullying* realizado através das tecnologias digitais. Mas, devido às próprias especificidades da comunicação mediada pelo ecrã, algumas características do *bullying* podem-se tornar ambíguas e questionáveis no ambiente virtual. Sendo tão diferente o mundo *online* do mundo *offline*, e sendo tão diferentes os dispositivos, as aplicações e plataformas, que podemos utilizar, melhor se percebe a grande dificuldade de se encontrar uma definição consensual. A título de exemplo, podemos refletir sobre o facto de apenas se considerarem como atos de *bullying* as ações que ocorrem entre pares com desigualdade de poder. Nos ambiente virtuais, por outro lado, tanto o aparente anonimato proporcionado pela Internet impossibilita a afirmação categórica que agressores e vítimas são efetivamente pares, como a desigualdade de poder se torna imaterial, estando menos relacionada com as características dos seus interlocutores e mais com a perícia tecnológica ou as características do conteúdo digital ou, ainda, com o *próprio anonimato em si*.

Relativamente às formas de disseminação dos conteúdos digitais, uma vez que o *cyberbullying* ocorre através de diferentes dispositivos que utilizam a Internet, podemos identificar as seguintes formas:

- através de *emails*;
- através de *blogs*;
- através de grupos de discussão;

- através de salas de *chat* na *web*;
- através de plataformas e aplicações de partilha de fotos e/ou vídeos;
- através de programas de mensagens instantâneas, sendo o Skype o meio mais conhecido;
- através de aplicações de trocas de mensagens para *smartphones*, tais como o Facebook, Messenger, Whatsapp, Snapchat entre outros;
- através de mensagens de texto/multimédia (enviadas por telemóveis);
- através de sistemas e aplicações de videoconferência, como o Google Hangouts, Skype, Facebook Messenger, etc., ou video *streaming*, como o Periscope, Meerkat, YouNow, etc.;
- através de chamadas telefónicas provocadoras, ameaçadoras, realizadas através de telemóvel;
- através de grupos e comunidades nas redes sociais (muito utilizados entre adolescentes);
- através de jogos *online* para múltiplos jogadores, sejam mmog (*massive multiplayer online games*) ou não.

Posto isto, torna-se importante clarificar algumas das principais diferenças entre o *bullying* e o *cyberbullying*.

Uma primeira diferença refere-se à natureza dos comportamentos que se manifestam. Enquanto que no *bullying* podemos observar comportamentos de natureza direta e indireta, mas sendo mais frequentes os comportamentos diretos que ocorrem face a face (físicos e verbais), no *cyberbullying* a grande maioria dos comportamentos são indiretos, ocorrem de forma assíncrona, sem ser em tempo real e, em consequência, sem ser necessária a presença do sujeito alvo dos ataques.

Em decorrência deste carácter essencialmente indireto das ações, o agressor de *cyberbullying*, na grande maioria dos casos, não observa as reações da vítima nem presença em tempo real os efeitos/consequências das suas ações sobre o outro. Este facto pode minorar possíveis sentimentos de arrependimento, remorso ou empatia para com a vítima. Pelo contrário, em casos de *bullying* presencial, face a face, os sinais de sofrimento e de dor que a vítima emite, inibe muitas vezes a continuação ou agravamento das agressões.

Uma outra diferença que decorre deste carácter predominantemente indireto das agressões, refere-se ao anonimato que as tecnologias digitais aparentemente permitem. Decorrente deste, o agressor de *cyberbullying* manifesta a sua desigualdade de poder de outro modo: podendo ser menor, mais novo ou mais fraco do que a vítima, podendo ser mais inibido ou mais inseguro, na realidade o que lhe confere maior poder é esse anonimato e a sua maior perícia tecnológica.

Um outro aspeto de grande relevo para quem é vítima destes comportamentos, refere-se à sua probabilidade de ocorrência, à sua constante exposição. Enquanto que no *bullying*, os alunos são usualmente alvo de ataques durante o período em que se encontram na escola, sensivelmente 5 dias por semana das 8h00 às 17h00, no *cyberbullying* não existem nem tempos nem locais seguros, uma vez que os jovens de hoje se encontram permanentemente ligados aos seus dispositivos digitais. A probabilidade de serem atacados é ininterrupta,

independentemente dos locais onde se encontrem, desde que estejam conectados com um dos dispositivos tão usuais hoje em dia (telemóvel, computador ou *tablet*).

Finalmente, uma outra característica remete para a dimensão da audiência potencial que assiste aos ataques, podendo neles tomar uma parte mais ativa ou passiva. Na nossa comunicação através dos ecrãs, designadamente quando a mesma degenera em casos de *cyberbullying*, a visibilidade que as nossas ações atingem é exponencial, comparativamente à visibilidade que ações diretas assumem face a uma audiência limitada em contexto presencial. Uma vez que as tecnologias digitais permitem alcançar uma audiência ilimitada, facilmente se percebe a dimensão que assume uma agressão, principalmente se ocorrer em domínios públicos, comparativamente com a dimensão que assume uma agressão que ocorre perante o pequeno grupo de pares que usualmente se encontra presente no recreio.

Da junção de todas estas características e de outras que remetem especificamente para as propriedades técnicas, sobressai a diferenciação entre *bullying* e *cyberbullying*.

Conclusões

Em jeitos de conclusão, dada a diferenciação aqui realçada entre os comportamentos de *bullying* e de *cyberbullying*, parece-nos seguro afirmar que as repercussões vivenciadas por jovens vítimas de *cyberbullying* assumem um caráter mais gravoso e insidioso, podendo despoletar sintomas de saúde mais intensos, perturbadores e de maior risco físico, psicológico e social.

Não nos podemos esquecer que, seja no domínio privado, seja no domínio social, o poder das imagens e das palavras escritas, causa um grande impacto nos jovens, já que as vítimas podem ver e rever, ler e reler, o que o agressor escreveu, divulgou ou partilhou (revivendo a experiência) um número infinito de vezes...

Referências

Seixas, S., Fernandes, L. & Morais, T. (2016). *Cyberbullying: Um guia para pais e educadores*. Lisboa: Plátano.